

Econ - Brasil

Bresser rejeita versão de que admitiu hiperinflação

BRASÍLIA — O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, não é capaz de apostar, mas acha pouco provável que o país entre em um processo de hiperinflação. É isso que ele afirmou ter dito aos empresários com os quais se reuniu na tarde de quarta-feira na Confederação Nacional da Indústria, em Brasília. A versão de alguns empresários, à saída da reunião, foi outra — a de que o ministro admitira que o risco da hiperinflação não está descartado e os sinais de recessão são cada vez mais claros.

Bresser Pereira, na versão oficial, chegou, inclusive, a fazer um paralelo da situação vivida pela Alemanha nos anos 20 (onde houve um processo hiperinflacionário) e a atual situação do Brasil. Lembrou aos empresários que, quando a Alemanha convivia com uma inflação diária de mais de 20%, o país presenciou uma corrida aos dólares causando uma maxidesvalorização diária do marco que realimentava a inflação. É para evitar isto que o Ministério da Fazenda e o Banco Central vêm adotando política de reajuste das Letras do Banco Central sempre um pouco acima do índice inflacionário, evitando uma corrida ao mercado paralelo.

Esta, aliás, tem sido a explicação dada pela equipe do ministro para o atual estágio da taxa dos juros. Eles estão altos, reconhecem, mas em consequência da inflação. A taxa real dos juros já não seria tão alta, embora se considere que ela também pode ser baixada, por não congelamentos ou qualquer outra medida

heterodoxa. O que se estuda dentro do ministério é a possibilidade de provocar esta baixa via um afluxo fiscal ou mesmo alguma medida que facilite a captação de recursos.

No Bloco P da Esplanada dos Ministérios, os economistas que ainda não conseguiram arrumar direito suas gavetas ou dominar totalmente a geografia do prédio deixam claro que não estão à procura de nenhuma saída mágica. Eles não negam que sofrem pressões para que seja reeditado um Plano Cruzado III, com tudo o que tem direito, principalmente o congelamento. Mas há a certeza de que este não é o caminho pois, antes de mais nada, pegaria os preços em total descompasso, bem distantes do preço relativo necessário ao sucesso de um choque heterodoxo.

Difícil — Nestes 15 dias, quando os dados captados mostraram a alguns destes economistas que a situação é mais difícil do que apresentava, a equipe do ministro Bresser Pereira ainda não conseguiu nem mesmo definir com clareza o caminho a percorrer. Embora haja sinais de recessão, que o próprio ministro reconheceu na conversa com os empresários, ele ainda não tem claro a profundidade disso de modo a decidir se será ou não necessário dar um maior afrouxo na economia. O certo é que, por princípio pessoal, além da própria decisão governamental e das questões político-partidárias, o novo ministro não pretende conviver com uma recessão. Se ela aparecer será atacada.



Delfim ganhou por pouco de Mário Henrique Simonsen